

# A FORÇA DE SUBMARINOS E A AVIAÇÃO NAVAL

## RETRATADAS NA FILATELIA

Fernando Antonio B. F. de Athayde Bohrer\*

O terceiro trimestre de 2024 nos traz importantes datas comemoradas na Marinha do Brasil (MB). Em 17 de julho, a Força de Submarinos (ForSub) completou 110 anos e, em 23 de agosto, a Aviação Naval completou 108 anos. No ensejo dessas importantes comemorações, a coluna de Filatelia da Revista do Clube Naval homenageia essas Forças Navais centenárias da nossa Esquadra, em nome do nosso, também centenário, Clube Naval.

Como sempre, o autor desse “espaço” não tem a intenção de apresentar aos leitores a história detalhada desses importantes segmentos, mas, sim, mostrar como a Filatelia homenageou suas organizações, seus meios navais e aeronavais e suas datas importantes através dos selos, carimbos comemorativos ou outras peças filatélicas, no Brasil e no exterior. O site da MB<sup>(1)</sup> detalha, minuciosamente, a história dessas Forças Navais, e o autor apresenta as referências filatélicas de alguns eventos ocorridos nessas organizações militares.



### A CENTENÁRIA FORÇA DE SUBMARINOS

*“Usque ad sub acquam nauta sum”<sup>(2)</sup>*

Em 1914, a ForSub foi criada com a denominação de Flotilha de Submersíveis, com seus primeiros submarinos italianos da Classe “Foca”, designados de

F1, F2 e F3, sendo seu primeiro comandante o Capitão de Fragata Felinto Perry, no período de 17 de julho de 1914 a 7 de janeiro de 1915.

Logo em seguida foram incorporados o Navio Tender (navio de apoio logístico) “Ceará” (em 1917); o Submarino “Humaitá” (em 1929) e os submarinos da classe “Tango” “Tupi”, “Tamoio” e “Timbira” (em 1939), todos de origem italiana.

Depois vieram os submarinos norte-americanos “Fleet Type”: “Riachuelo” e “Humaitá” (em 1957) e “Rio Grande do Sul” e “Bahia” (em 1963).

A partir de 1972, foram recebidos os submarinos da Classe “Guppy”: “Guanabara”, “Rio Grande do Sul”, “Bahia”, “Rio de Janeiro”, “Ceará”, “Amazonas” e “Goiás”.

A partir de 1973, a Marinha passa a operar os recém-adquiridos submarinos ingleses da Classe “Oberon”: “Humaitá”, “Tonelero” e “Riachuelo”.

Em 1989, chega ao Brasil o Submarino “Tupi”, da Classe alemã “IKL 209-1400”, construído na Alemanha.

Pelo processo de transferência de tecnologia, foram construídos no Brasil, no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro (AMRJ), da Classe “Tupi”, os Submarinos “Tamoio”, “Timbira” e “Tapajó” e, logo em seguida, o Submarino “Tikuna”.

Em 2014, a ForSub completou seu centenário, cem anos de exitosa vida operativa.



Carimbo comemorativo aos 75 anos da ForSub



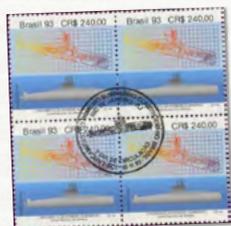
AMRJ – 250 anos construindo e reparando os meios navais da MB. Foi o pioneiro na América do Sul na construção de submarinos



Submarino “Tapajó”, construído no AMRJ



Selo comemorativo ao centenário da ForSub



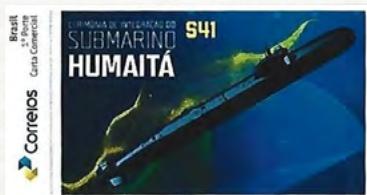
Submarino “Tamoio”, o primeiro a ser construído no AMRJ

## A Força de Submarinos do século 21

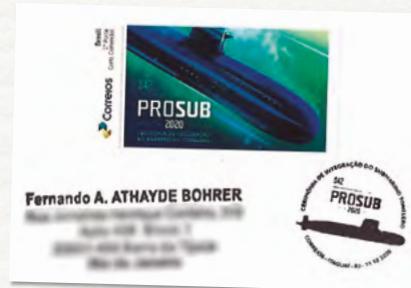
Em 2008, o Brasil fez uma parceria estratégica com a França para modernizar sua Força de Submarinos, criando o Programa de Desenvolvimento de Submarinos (PROSUB). Tal Programa capacitará a MB a chegar a bom termo com o seu projeto de construção de submarinos convencionais (S-BR) e do submarino convencionalmente armado com

propulsão nuclear (SCPN). O objetivo final será a construção do SCPN “Álvaro Alberto”.

O projeto dos S-BR escolhido foi o da classe francesa “Scorpène”, adaptado para as necessidades de operação da MB, em suas áreas de interesse. Foi projetada, então, a construção de quatro submarinos dessa classe: “Riachuelo” (S40), que deu o nome à classe; “Humaitá” (S41), “Tonelero” (S42) e “Angostura” (S43).



Selos e carimbos comemorativos às datas de integração dos Submarinos “Humaitá” e “Tonelero”



## Base de Submarinos da Ilha da Madeira (BSIM)

A área estratégica escolhida pela MB para desenvolver seu Programa de Construção de Submarinos, onde estão localizados o Estaleiro de Construção e a Base de Submarinos, foi a Ilha da Madeira, em Itaguaí, no interior da Baía de Sepetiba.

Em 17 de julho de 2020 foi realizada a cerimônia de ativação da BSIM. Integram, hoje, a Força de Submarinos: o Comando da Força de Submarinos (ComForS), a Base Almirante Castro e Silva (BACS), a BSIM, o Centro de Instrução e Adestramento Almirante Átilla Monteiro Aché (CIAMA), o Grupamento de Mergulhadores de Combate (GRUMEC), os Submarinos “Tikuna”, “Riachuelo” e “Humaitá”, e o Navio de Socorro Submarino “Guillobel” (K120).



Selo comemorativo à ativação da Base

# A AVIAÇÃO NAVAL E SUA HISTÓRIA CENTENÁRIA

“In aere hominis mare!”<sup>(3)</sup>



## Os primórdios da Aviação Naval: a primeira fase (1916 –1941)

Em 1911, a Marinha autorizou o Tenente Jorge Henrique Moller a realizar o curso de piloto na “École Farman” de aviação, na cidade de Étampes, França, a 60 km ao sul de Paris. Essa mesma escola havia formado, em 1910, o Aviador Civil brasileiro Eduardo Pacheco e Chaves.

Em 23 de agosto de 1916, por decreto do Presidente Wenceslau Braz, foi criada a primeira escola de aviação militar no Brasil – a Escola de Aviação Naval. Esta data marca o nascimento da Aviação Naval.



**Presidente  
Wenceslau Braz**

O Almirante Alexandrino Faria de Alencar, Ministro da Marinha, foi o grande idealizador da Escola de Aviação Naval, encomendando na “Casa Curtiss”, nos EUA, três hidroaviões – “Curtiss F”.

Os aviões vieram para o Brasil no Navio Mercante “Sargento Albuquerque”, desembarcando diretamente na “Carreira Tamandaré”, no antigo Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, onde foram montados pelo mecânico norte-americano Orthon William Hoover, futuro instrutor desta aeronave no Brasil.



**Selo comemorativo  
ao Centenário da  
Aviação Naval,  
lançado em 23 de  
agosto de 2016 na  
Base Aérea Naval  
de São Pedro da  
Aldeia**

Nesses anos iniciais, a Aviação Naval é empregada em missões pioneiras como raids entre Rio de Janeiro e Angra dos Reis e Rio de Janeiro e Campos; transporte de mala postal civil e militar, o Correio Aéreo Naval; e observação aérea em proveito das operações dos navios da Esquadra.



**Etiqueta colocada  
nas correspondências  
transportadas pelo Correio  
Aéreo Naval, onde podemos visualizar o antigo  
brevê da Aviação Naval (peça filatélica muito rara  
e não registrada em catálogos)**

Em 12 de outubro de 1916, voando o aerobote “Curtiss F”, o piloto Orthon Hoover e o Capitão de Fragata Protógenes decolaram da Ilha das Enxadas (Escola de Aviação Naval) e voaram diretamente até a Enseada Baptista das Neves, onde estava localizada a Escola Naval. Foi o primeiro raide aéreo da Aviação Naval.



**Selo personalizado lançado no  
Colégio Naval (Angra dos Reis),  
em 12 de outubro de 2016, por  
ocasião das comemorações do  
centenário do primeiro raide da  
Aviação Naval. O selo retrata a  
derrota seguida pela aeronave  
“Curtiss F” da Ilha das Enxadas  
(RJ) à Enseada Baptista das**

**Neves, onde à época estava situada a Escola Naval, desenhada sobre recorte da Carta Náutica Rio de Janeiro – Angra dos Reis, elaborada pelo Centro de Hidrografia da Marinha.**



**Carimbos comemorativos aos 75  
anos e ao Centenário da Aviação  
Naval emitidos pelo antigo ECT  
e pelos Correios, em 1991 e 2016,  
respectivamente**

Não podemos deixar de mencionar a participação de aviadores navais brasileiros na Grande Guerra (1914 – 1918), em operações de patrulha nas costas da Inglaterra, voando em aeronaves da Real Força Aérea britânica. Dentre eles estava o Tenente Aviador Naval Virginius Brito De Lameare, Guarda-Marinha da Turma da Escola Naval de dezembro de 1904, que realizou o curso na *Royal Air Force* (RAF) recebendo o brevê de “Pilot Service 2”, com a avaliação de “Excelent Pilot”. O Tenente AvN De Lamare, em outubro de 1920, tentou realizar o raide Rio de Janeiro – Buenos Aires, tendo sua iniciativa encerrada na cidade do Rio Grande, devido a um acidente com seu avião italiano “Macchi M9”. Essa travessia acabou sendo realizada pelo aviador civil Eduardo Pacheco e Chaves, em dezembro de 1920<sup>(4)</sup>.



Selo comemorativo ao centenário do feito de Eduardo Pacheco e Chaves



Hidroaviões italianos Savoia Marchetti S55 que operaram nessa fase da Aviação Naval. Participaram da Revolução Constitucionalista em São Paulo e Mato Grosso, em 1932, protegendo, dentre outras missões, a tropa de fuzileiros navais, desembarcados em Paraty, e que rumavam para a Via Dutra por Cunha (RJ).



Fim da primeira fase da Aviação Naval – selo e carimbo comemorativos aos 50 anos da Criação do Ministério da Aeronáutica (1941 - 1991)

Em 18 de novembro de 1922 foi criada a Diretoria de Aeronáutica da Marinha, pelo Decreto nº 15.847, com a denominação de Comando da Defesa Aérea do Litoral, com sede na Ilha das Enxadas, RJ, cujo primeiro comandante foi o Capitão de Mar e Guerra Protógenes Pereira Guimarães. Em 1923, com a reestruturação dos serviços de aviação da Marinha, o Comando da Defesa Aérea do Litoral teve a sua denominação alterada para Diretoria de Aeronáutica da Marinha.

O fim da primeira fase se dá em 20 de janeiro de 1941, com a criação do Ministério da Aeronáutica e a Força Aérea Brasileira.

## A segunda fase (1952 –1965)

A segunda fase inicia-se com a reativação da Diretoria de Aeronáutica da Marinha, em 1952, encerrando-se em 1965 quando, por decreto do Presidente da República Humberto de Alencar Castelo Branco, a MB ficou restrita à operação de helicópteros.



Presidente Castelo Branco – Marinha com a operação de helicópteros



Carimbo comemorativo alusivo ao centenário da DAerM

Diretoria de Aeronáutica da Marinha – Aviação Naval – 75 anos (1991)



Nessa fase são marcos importantes:

- criação do Centro de Instrução e Adestramento Aeronaval (CIAAN);
- construção do Complexo Aéreo Naval – Base Aérea Naval de São Pedro da Aldeia (BAeNSPA);
- criação da Força Aérea Naval, hoje Comando da Força Aeronaval (ComForAerNav);
- criação dos Esquadrões Aéreos (HI-1, HU-1 e HS-1) e a aquisição do Navio Aeródromo Ligeiro (NAeL) “Minas Gerais” (A11).



Correspondência originada na BAeNSPA, com os carimbos da “carta” dos Correios – contrato entre a BAeNSPA e a Diretoria Regional / RJ dos Correios e carimbo da BAeNSPA

50 anos da Força Aeronaval – selo personalizado lançado em 2013



Esquadrão HI-1 – helicóptero Bell 47D, utilizado durante muito tempo na instrução



NAeL “Minas Gerais” (A11)

## A terceira fase (1965 –1998)

Esta fase, iniciada em 1965, caracteriza-se pela exímia operação de helicópteros (em terra ou a bordo de navios) pela Aviação Naval; modernização dos meios e o grande profissionalismo na sua condução; recebimento dos modernos helicópteros SH-3, para substituir os antigos SH-34J, aeronaves que foram recebidas do 1º Grupo de Aviação Embarcada, da Força Aérea Brasileira (FAB); criação do Esquadrão HA-1, para receber

os helicópteros SAH-11, adquiridos na Inglaterra, orgânicos das Fragatas Classe “Niterói” e depois das Corvetas Classe “Inhaúma”; aquisição dos helicópteros Esquilos monoturbina (UH-12), na Helibrás, e Esquilos biturbinas (UH-13), na Aerospatiale, em Marignane, na França, para o Esquadrão HU-1; e aquisição dos helicópteros Super Puma (UH-14), também na Aerospatiale, com a criação do Esquadrão HU-2, para receber tais aeronaves.



Esquadrão HA-1 e os helicópteros SAH-11A e SAH-11



Esquadrão HS-1 e helicóptero SH-3



Esquadrão HU-2 e helicóptero UH-14

## A quarta fase (1998–2018)

Essa fase foi iniciada com o recebimento, pela Marinha, das aeronaves “A-4 Skyhawk” (nomeados na MB de AF-1 e AF-1A) e a criação do Esquadrão VF-1, na Base Aérea Naval de São Pedro da Aldeia, e com a autorização do Presidente Fernando Henrique Cardoso para a Aviação Naval voltar a operar com aeronaves de asa fixa, embarcadas.

Eventos importantes dessa fase: o reinício das operações de aviões a bordo do NAeL “Minas Gerais”; a aquisição do NAe “São Paulo” e a desativação do NAeL “Minas Gerais”; a substituição dos helicópteros SH-3 pelos MH-16, no Esquadrão HS-1 e o recebimento de helicópteros UH-15 da Eurocopter/Helibrás para integrar o Esquadrão

HU-2. Importante, também, ressaltar a modernização do Centro de Instrução e Adestramento Aeronaval, que recebeu o nome do Almirante de Esquadra José Maria do Amaral Oliveira, ilustre personagem de nossa Aviação Naval; e a modernização dos aviões AF-1 e AF-1A, na EMBRAER.



Esquadrão VF-1 – aeronave AF-1, na parte superior à direita do selo comemorativo ao 103º aniversário da Aviação Naval

## A quinta fase (2018–até os dias atuais)

Opinião pessoal do autor, podemos considerar que a Aviação Naval já entrou em sua quinta fase, a partir da chegada do Navio-Aeródromo Multipropósito “Atlântico”, em 2018, e a criação do 1º Esquadrão de Aeronaves Remotamente Pilotadas (EsqdQE-1), em 2021.

**Navio-Aeródromo Multipropósito “Atlântico” (A140)** – adquirido junto à *Royal Navy*, Inglaterra, onde operava com o nome de HMS Ocean, em 19 de fevereiro de 2018, e in-

corporado à Esquadra em 29 de junho de 2018.

**1º Esquadrão de Aeronaves Remotamente Pilotadas (EsqdQE-1)** – criado em 30 de março de 2021 e opera com suas seis aeronaves RQ-1 “ScanEagle”, de terra e embarcado em navios da Esquadra, inclusive no A140, tendo operado pela primeira vez com o navio atracado no porto de Rio Grande, por ocasião das condições meteorológicas adversas no Rio Grande do Sul, neste ano de 2024.



**NAM “Atlântico”** – selo comemorativo aos 200 anos da Esquadra



Selo comemorativo ao centenário da DAerM, onde visualiza-se a aeronave RQ-1 “ScanEagle” do EsqdQE-1, à direita da arte.

## PALAVRAS FINAIS

Aproveitando o ensejo desta merecida homenagem às centenárias Força de Submarinos e Aviação Naval, o Clube Naval não poderia deixar de mencionar e homenagear o Tribunal Marítimo, importante instituição que, em 5 de julho de 2024, completou 90 anos de existência<sup>(5)</sup>.

Todos os selos apresentados no presente artigo foram digitalizados dos capítulos “Força de Submarinos”, “Aviação Naval” e “Tribunal Marítimo”, da Coleção Temática do autor “A Marinha

do Brasil e o Poder Naval Brasileiro: das Ideias da Escola de Sagres ao Século XXI”. ■

### NOTAS

- (1) Site da Marinha do Brasil: <https://www.marinha.mil.br>
- (2) “os que são marinheiros até debaixo d’água”.
- (3) “No ar, os homens do mar!”
- (4) Trecho referenciado ao artigo publicado pelo Brig Ar (Ref°) Clóvis de Athayde Bohrer, “Raide Rio de Janeiro – Buenos Aires: Oito Histórias”.
- (5) Na RCN n° 410, ano 132, de ABR/MAI/JUN 2024, o Presidente do Tribunal Marítimo, V Alte (RM1) Ralph Dias da Silveira Costa apresentou seu artigo “Tribunal Marítimo: 90 anos de exitosa singradura” relatando a história desse importante Tribunal.

\* Capitão de Mar e Guerra (Ref°)



Por ocasião dos 80 anos do Tribunal Marítimo, em 2014, selo comemorativo ao evento